



EMPREENDEDORISMO SOCIAL

TRÊS DÉCADAS DE SUCESSO

Grupo Primavera já beneficiou quase 9 mil meninas e jovens em 33 anos de atividades no Jardim São Marcos, bairro da periferia de Campinas

A chinesa Jane Sieh tinha cinco anos quando começou a acompanhar a mãe Yue Tsing Chiang na distribuição de mantimentos e roupas para crianças em orfanatos e hospitais localizados em Shanghai, na China, sua cidade de origem. Os gestos em favor do próximo eram tão marcantes para a pequena Jane que ela pensava: “quando crescer, farei igualzinho a minha mãe”.

Mas Jane foi além, quando deu início à sua própria obra assistencial no Brasil, em 1981, época em que já estava casada e tinha quatro filhos com idades entre 10 e 14 anos. Essa obra, o Grupo Primavera, alcançou proporções e resultados tão maiores do que ela mesma poderia imaginar que, em 33 anos de existência, tornou-se uma referência em empreendimento social em Campinas, beneficiando quase nove mil meninas e jovens moradoras

do Jardim São Marcos, bairro até então conhecido essencialmente pela violência e pelo tráfico de drogas.

“Conheci o Jardim São Marcos porque um amigo vereador de Campinas pediu à minha família uma doação para instalar uma creche no bairro. Nossas empresas doaram o material de construção para viabilizar o prédio, inaugurado em 1981. Na saída do evento, falei para ele que tudo estava tão bem feito que, se precisasse de mais alguma coisa, contasse conosco. Não esperava que, no dia seguinte, ele me convocasse para ajudar na creche com a seguinte frase: ‘vinde e vede’. Fui porque a frase era como a de Jesus convocando os discípulos, e eu tinha acabado de sair de um retiro de Páscoa, onde pedi a Deus que me abrisse os caminhos para fazer algo de relevante na religião que abracei ao casar, e ser um exemplo de vivência cristã aos meus filhos.”

Mas, ao chegar à instituição, Jane ponderou que, se fosse ajudar nos cuidados necessários com os bebês e as crianças assistidas no local, tiraria o emprego de alguém daquela comunidade. “Perguntei então o que ocorria com os bebês e as crianças depois que saíam da creche. Explicaram-me que iam para casa e ficavam com as mães. Então, me veio a ideia de ajudar essas mães a continuar o mesmo padrão de cuidado que a nova creche oferecia. Convidei algumas amigas para irmos ao posto de saúde do Jardim São Marcos uma vez por semana, onde havia uma sala para orientar as mulheres sobre cuidados de higiene e alimentação dos bebês.”

A CHEGADA DAS JOVENS

Enquanto auxiliava as mães, o grupo de Jane foi surpreendido pela presença de seis adolescentes, que também queriam participar. “Minhas amigas acha-

John Sieh, ex-gestor,
e Jane Sieh, fundadora
do Grupo Primavera



vam que o cursinho não tinha relevância para as meninas, pois não tinham filhos, mas, eu tinha dó de dispensá-las. Lembrei que seriam as futuras mães daquele bairro, então, convidei mais duas amigas para darmos atenção às adolescentes. Sentávamos mal acomodadas sobre a tampa de um poço d'água, no fundo do quintal do postinho de saúde, um local sem sombra, super quente. Nós ouvíamos o que elas almejavam. Naquela época, ninguém sabia exatamente o que queria, mas todas desejavam uma vida melhor. Para conhecer a situação delas, davamos as mãos e guiávamos até suas casas, onde víamos toda a carência e o abandono do Jardim São Marcos."

As jovens contavam suas alegrias e tristezas às voluntárias. "Durante nossos encontros semanais, falavam: 'estou tão feliz hoje porque o meu pai vai sair da prisão' ou 'estou muito triste porque meu irmão foi baleado'. Isso tudo não me paralisava nem me deprimia. Na verdade, dava-me mais convicção de que devia fazer algo para ajudar a mudar aquela realidade, mesmo que fosse a de uma única menina de cada vez. Não se pode contestar o valor de uma menina bem formada e informada, pois ela pode derrubar e transformar toda a estrutura de uma sociedade. E sabemos que, em muitos países, as meninas não têm vez. Se houver um pão ou a oportunidade de apenas um filho estudar, vão para o menino da casa. Quando vim para o Brasil, falava-se muito sobre o desmatamento da Amazônia. Sim, isso é importante, mas e as pessoas? Sem um povo consciente e informado o que será deste



“EMPREENDEDOR SOCIAL É AQUELE QUE NÃO SE CONFORMA COM O *STATUS QUO* E TEM CORAGEM DE FAZER E SONHAR”

país?”, questiona Jane, que é formada em Sociologia pela Bryn Mawr College, na Pensilvânia (EUA).

Para ela, um empreendedor social é aquele que não se conforma com o *status quo*, é a pessoa que tem coragem de acreditar, fazer e sonhar. “Eu sabia que um sonho que se sonha só é simplesmente um sonho. Em conjunto, torna-se realidade. Empreender não é algo solitário. Precisa saber inspirar os outros. Cheguei a reunir quase 100 voluntárias no Grupo Primavera, numa época no Brasil em que nem se falava sobre o que era ser voluntário. Éramos mães, profissionais, gente de todas as camadas sociais unidas em um só objetivo. Queríamos ensinar as meninas do Jardim São Marcos a sonhar e alcançar seus sonhos para florescerem onde estiverem.”

Desde o início das atividades, Jane implantou as bases que deram direcionamento a toda obra: o trabalho visa à formação do caráter das meninas socialmente vulneráveis; não é filiado a instituições religiosas ou governamentais; deve ser autossustentável para sempre ser inovador, criativo, independente e relevante para servir seu entorno; e deve fundamentar-se no espírito de voluntariado (integridade, serviço e generosidade).

Mais importante que desenvolver o intelecto das jovens naquela época, era contribuir na formação do caráter. “Usávamos o bordado como meio de ensinar as meninas a serem mais responsáveis, seguir regras, ter disciplina, adquirir bom gosto, ter persistência. Marcava-se uma data e o trabalho tinha que ser entregue com todo o capricho.”

INFRAESTRUTURA

Entre as ex-meninas Primavera dessa época está Josiane Pires Brito, atual gerente de produto da ONG. “Entrei para o Grupo Primavera em 1986, aos 10 anos de idade, quando a instituição ainda funcionava no posto de saúde. Quis participar porque tinha vontade de aprender mais. Tinha começado a bordar com minhas tias, já sabia fazer crochê e ainda participava de um curso de pintura em tecido em outro local. Nessa época, as voluntárias não ensinavam mais bordado às mães, eram somente as meninas e jovens que participavam, em dois dias por semana. Mudamos para a sede própria da instituição em 1987, quando já éramos

cerca de 150 meninas e não havia mais espaço para todo mundo. Vi toda a transformação pela qual a ONG passou – tanto como menina Primavera quanto como funcionária –, inclusive as mudanças no enfoque da formação das assistidas, que começou pelo bordado e continua até hoje, mas com muitas outras atividades importantes agregadas para atender às demandas do atual mercado de trabalho, como o ensino da informática e do inglês”, conta Josiane.

A mudança para a sede própria foi possível porque Jane pediu ajuda ao padre Lauro Sigrist, da igreja São Paulo Apóstolo, no Guanabara, para que comprasse uma casa de três cômodos no Jardim São Marcos. Nessa época, Jane já se desdobrava com as demais



Carmen Rodrigues,
gerente geral da Buckman
e ex-presidente da ONG

**Josiane Brito, atual
gerente de produto e
ex-menina Primavera**



a ela e as voluntárias mais atuantes a tomarem decisões na instituição com maior agilidade e eficiência, da mesma forma que fariam se fossem executivas ou empresárias.

Sieh, que atuava na administração das empresas familiares, conta que, nessa oportunidade, percebeu a crise que se instaurara na organização, em função das novas exigências da época, com a saída de algumas voluntárias, deixando uma lacuna no atendimento às meninas e jovens do Grupo Primavera. “A sociedade mostrava sinais de mudanças, pois muitas voluntárias não eram agora apenas mães e donas de casa, havia aquelas que tinham feito faculdade, tinham suas próprias profissões, muitas já não sabiam nem bordar. Algumas queriam dar aula de Matemática às meninas, outras de Música. Nessa época, a instituição não tinha funcionários, eram as voluntárias que cuidavam da rotina da ONG e minha esposa estava atarefada com a administração, com a captação de recursos e a área de relações públicas, o que a distanciou do dia a dia das meninas. O problema da instituição era justamente não ter funcionários porque, quando as voluntárias foram saindo, era necessário ter mais 20 substitutas de uma só vez ou contratar pessoal. Mas com que dinheiro elas poderiam fazer a contratação?”, lembra Sieh.

Em razão da falta de recursos humanos, ele diz que resolveu auxiliar de forma mais próxima o Grupo Primavera, analisando a situação da instituição e buscando desenhar um projeto social específico para atender àquela comunidade. “Eu e outros maridos fazíamos

voluntárias em mais dias e horários para atender ao grande número de meninas.

Enquanto o grupo de voluntárias e de atendidas crescia, a infraestrutura do Grupo Primavera era ampliada, com a aquisição de imóveis ao redor da sede, comprados por meio de recursos obtidos pelas próprias mulheres ou de projetos desenvolvidos com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), da Lateinamerika-Zentrum e de empresas multinacionais parceiras. No final de cada ano, as voluntárias organizavam o tradicional bazar chamado “Florada”, simbolizando a colheita de todos os artigos bordados ao longo de 12 meses pelas meninas sob a orientação das voluntárias. Elas também produziam geleias de jaboticaba, laranja, pêssego e outros sabores, a partir das

frutas colhidas nas fazendas de algumas das voluntárias do Grupo Primavera.

“No final do ano, trocávamos toda a renda obtida com as vendas por dólares, pois, como a inflação era uma constante no Brasil, o dinheiro guardado rendia muito e dava para manter todas as nossas atividades ao longo do ano seguinte. Acredito que uma organização deva ter pelo menos 51% de sua receita provenientes de captação própria para manter sua independência e sustentabilidade.”

Na década de 90, chegou o momento de as mulheres repensarem o modo de administrar a instituição que não parava de crescer e receber novas meninas e jovens. Jane convidou seu esposo, o arquiteto chinês John Sieh, para ministrar uma palestra que ensinaria

parte da primeira diretoria, por conta do estatuto e da parte legal da organização, mas não era nossa tarefa a parte operacional. Nossa diretoria só se reunia ali uma vez por mês.”

Sieh recorda a ampla dedicação da esposa à instituição antes dele próprio se envolver na gestão da ONG. “Jane sempre achou que o Primavera era a família dela, dominava-a de ponta a ponta. Fazia o jogo todo, atuando desde goleira até centroavante. Essa forma de operar funcionou no princípio, mas a estrutura cresceu muito e aquilo implodiu, pois, quando as organizações crescem, precisam de planejamento e saber como dividir as tarefas, pois tudo tem seu limite.”

Uma das primeiras coisas que Sieh fez foi emprestar dinheiro da Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC). “Acho que eram R\$ 15 mil na época para pagar em três anos e usar nas contratações de funcionários e fazer caixa, pois era um período de construção e ampliação da estrutura física local. Paralelamente, fiz várias reuniões com pessoas ligadas à formação de jovens – inclusive visitas às escolas do bairro – e com representantes do meio empresarial para definir o papel de nossa diretoria, que era o de dar direção, ou seja, fazer um plano estratégico para realizar a missão da instituição muito bem definida pelas voluntárias: ‘formar as mulheres do amanhã’. Mas faltava implantar a visão do Grupo Primavera e ainda buscar recursos humanos. Para compor a nova diretoria, fui atrás de gente que eu conheço e que tem vontade de fazer algo, três deles atuantes em multinacionais, com grande



experiência em administração.”

Entre os executivos requisitados, estava Carmen Rodrigues, gerente geral da Buckman para o Cone Sul. “Quando assumi esse cargo na empresa, percebi que tínhamos aportes para o Grupo Primavera e quis entender melhor o trabalho da instituição. Decidi fazer uma visita e fiquei encantada com o que faziam e os resultados. Era um grande oásis em um bairro muito difícil. Logo depois, fui com meu marido a uma Florada e aí aumentou a paixão e a admiração pela ONG”, lembra Carmen, ex-presidente do Grupo Primavera.

A nova diretoria foi quem definiu a visão do Grupo Primavera. O objetivo da ONG é ser referência em assistência social com programas de educação complementar e ênfase em valores

morais e éticos. “Por que oferecer uma educação complementar para formar as mulheres do amanhã? Porque duas estruturas clássicas da sociedade – a escola, que cuida da educação formal, e a família, que cuida dos valores –, falharam nesse bairro. A educação complementar entra em todas as lacunas que essas duas instituições deixaram abertas. Aliás, a ONG só existe em função disso. Quem administra o dia a dia e planeja o futuro do Grupo Primavera precisa ter sempre essa visão para nortear o empreendedorismo social. Tem que olhar constantemente as falhas do entorno, fazer uma profunda reflexão do que a instituição realmente precisa, pois, do contrário, ela não evolui. Não tem fórmula pronta, tem que pensar seriamente para sustentar a ONG.



A expectativa é de que os jovens sejam agentes de mudança na comunidade em que vivem

ela brotar, crescer e florir a seu tempo. Faria qualquer coisa pelo Primavera quando estava na direção. Algumas ex-meninas Primavera me falam: 'dona Jane, se não tivesse o Primavera em minha vida, não sei o que eu seria hoje'. E digo o mesmo para elas, pois não sei se seria realizada e teria a paz que tenho hoje sem ter passado pela ONG", afirma Jane, que deixou em definitivo a instituição há três anos, após três décadas de dedicação. "Saí em 2011 para finalmente me dedicar à minha família, hoje formada por doze netos que moram fora do Brasil, e porque sei que deixei uma base sólida para os próximos gestores. Tinha total confiança na capacidade do John em continuar o meu trabalho e formar um novo sucessor para a sua saída da instituição, que ocorreu no início de 2014. Mas sabia que ele mudaria o estilo de administrar e conduzir a ONG, pois as mudanças são necessárias para acompanhar a sociedade. A chegada dos meninos ao Grupo Primavera ocorreu porque o John e a diretoria queriam interagir mais com as famílias e a comunidade. O bairro mudou, cresceu muito. Se não incorporássemos as mudanças sociais, o trabalho ficaria muito isolado e menos eficaz. É preciso aprender a abrir mão com generosidade para aqueles que quiserem sonhar outros sonhos, afinal, ninguém tem a plena verdade."

Jane acompanha à distância as atuais conquistas e vitórias da ONG, que já recebeu múltiplos prêmios e honrarias nacionais e internacionais. "Sinto a mão de Deus nesse projeto, por isso saí confiante de lá." ❀

O empreendedorismo social requer análises de pormenores para promover transformação e inovação. Não se pode achar que já está em um patamar firme, é só um local de descanso para preparar você para o próximo lance", acredita John Sieh.

MENINAS E MENINOS

E é com essa visão que o Grupo Primavera atende hoje aproximadamente 500 crianças e jovens de 6 a 18 anos de idade, por meio de programas e projetos inovadores de educação e convívio social, cultura, bem-estar e profissionalismo, com o objetivo de minimizar os riscos sociais aos quais estão expostos, promovendo uma formação baseada em valores como disciplina e

empreendedorismo, e capacitando-os para que sejam agentes de mudança no meio em que vivem – seja incentivando-os a prosseguir nos estudos ou garantindo a inserção profissional no mercado de trabalho. Além das meninas, atende também desde 2003 os meninos, por meio de seus programas de educação complementar, caso do PACTO, curso que prepara jovens da rede pública de ensino para os exames de admissão em colégios técnicos de Campinas e região.

"Minha meta inicial era fazer a diferença na vida de algumas meninas. Nunca pensei em promover algo tão grandioso, mas, olhando para trás, tudo foi consequência de um trabalho bem implantado. Minha preocupação era cultivar bem a semente, deixando